

A RAINHA DAS SOMBRAS¹

Sabrina Barbosa Sironi

Inicio este trabalho com uma história relatada por Didi, uma menina de seis anos que no momento divide a casa, os pais e os afetos com a irmãzinha que nasceu há 11 meses. Essa história reporta-se a alguns conceitos kleinianos sobre o mundo interno e externo que limitam e interditam as necessidades e desejos infantis.

A Luta de Didi e a Rainha das Sombras

Didi quando a rainha das sombras nasceu queria ser uma gêmea, mas não podia.

Depois que ela a encontrou Didi transformou ela numa sombra no colégio.

Foi para a bola de cristal onde todas as pessoas que viravam sombra iam.

Lá existia amigas, a primeira era Dracu Laura e a outra Claudinha.

Assim que transformou a gata numa bolota ela foi para a vida dela onde era lá.

Aí falou “vai ter uma guerra entre Didi e a Rainha das Sombras!”

Didi ganha e a Rainha das Sombras morreu.

Penso no que ela mostra nessa historinha: o desejo que sua irmã desapareça ou sua dificuldade para vivenciar esse momento? Num primeiro olhar, achei um pouco assustador, mas depois, relendo, revisitando as leituras e apontamentos sobre a posição depressiva e comentando essa experiência nos seminários, com minhas colegas e coordenadores, compreendi um pouco esse processo.

A criança atravessa, normalmente, por volta da metade do primeiro ano de vida, uma crise depressiva provocada pelo temor da perda da mãe. A maneira pela qual esta crise é vivida e os métodos utilizados para superá-la são determinantes na formação da personalidade e, acredito, na forma como irá enfrentar situações futuras.

O núcleo desses sentimentos é o medo da criança de perder seus objetos amados, como consequência da sua agressividade e dos ataques feitos a esses. (PETOT, 2003, p. 61).

Só haverá vivência de perda quando existe experiência verdadeira de um objeto, ou seja, quando existe uma relação com um objeto total, relação essa com os bons e maus objetos. A posição depressiva começa quando a criança compreende que o objeto de amor é o mesmo objeto de ódio.

Petot coloca que

A introjeção do objeto é um mecanismo de defesa consequente da perda real de objeto. A perda deve necessariamente suceder a uma relação de objeto. É essa introjeção, de origem freudiana, que se produz no final ou pelo menos, ao longo da perlaboração da posição depressiva e que permite, em última análise, superá-la (PETOT, 2003, p. 71).

Para Klein a base da ansiedade depressiva é a síntese entre as pulsões agressivas e as pulsões amorosas, entre agressividade e libido, ódio e amor num predomínio da ambivalência. A posição depressiva é posterior as defesas maníacas.

Quando se nega a realidade e a perda, aparecem as defesas maníacas que se expressam no controle, desprezo ou triunfo para negar a dependência e a

¹ Trabalho apresentado em jornada interna do CPRS de 9 de novembro de 2013.

tristeza. As defesas maníacas são acionadas quando a perda e a culpa não são suportadas.

Segundo Petot (2003):

No início da posição depressiva infantil, o ego é esmagado pela ansiedade sem poder lhe opor outro mecanismo de defesa que não a clivagem ou a posição maníaca. Sabe-se que estas duas estratégias têm, tanto uma como a outra, alguma parte associada com a recusa: recusa da unidade do objeto, recusa de seu valor afetivo, recusa a nostalgia. É apenas num segundo momento que estratégias mais apropriadas tornam-se acessíveis ao ego: no mínimo, ao longo do segundo semestre da existência, que é o início da introjeção estável do bom objeto, e no mais tardar ao longo do quinto ano de vida, quando a neurose infantil é ultrapassada. Mas parece indispensável, para que o ego possa atingir esta forma tardia e elaborada da posição depressiva, que tenha passado pelo desvio da posição maníaca e da relação edípica (PETOT, 2003, p.78).

Essas experiências não concernem apenas à mãe, mas a ambos os pais internalizados. Nesse momento a criança está aquém da diferença dos sexos. Uma rivalidade não sexualmente diferenciada visa à aproximação gratificante dos pais e é experimentada pelos dois simultaneamente. A mania se sustenta na onipotência e negação. “O objeto completo opõe-se, enquanto objeto intacto, ao objeto estragado pelos ataques sádicos e clama por vingança” (PETOT, 2003, p. 6).

A posição depressiva é marcada pela ansiedade em relação ao objeto e pela necessidade de reparação. Reparação que reporta-se à renúncia da onipotência, do pensamento mágico, bem como à aceitação da separação e da diferença. Parece que foi esse movimento que aconteceu na história de Didi, uma menina que precisa reconstruir um espaço na constelação familiar, sublimar e lidar com a ansiedade de separação.

A ansiedade só é realmente depressiva quando o ego reconhece não apenas que a fonte de perigo está nele mesmo, mas que é intencional, já que é o seu próprio ódio que ameaça o objeto [...] o ego deve enfrentar pulsões de destruição que visam um objeto cuja unidade e ambiguidade são cada vez mais percebidos. Arrependimento e remorso de ataques passados, fantasiados na ignorância da natureza real do objeto, fazem certamente parte dos sentimentos depressivos, sendo que o conflito depressivo encontra-se no seu ponto máximo apenas quando a criança toma consciência de sua hostilidade presente contra seu objeto de amor (PETOT, 2003, p. 8-9).

A ambivalência, que é parcialmente uma proteção contra o ódio do próprio sujeito e contra os objetos assustadores e odiados, diminuirá durante o desenvolvimento normal.

Os sentimentos de culpa são um fator desencadeante da reparação, mesmo que esta não seja consciente. Há um desejo de crescer, superar a imaturidade, vencer a destrutividade, controlar suas tendências hostis, assim como seus objetos internos “maus”, introjetados, sob a ação da fantasia inconsciente e da realidade. Com isso torna-se capaz de moderar os pensamentos e emoções.

A resolução das defesas esquizoides e maníacas são fundamentais para o desenvolvimento psíquico e para a capacidade de simbolizar e criar.

Para Melanie Klein (1996):

O simbolismo se torna a base não só de toda a fantasia e sublimação, mas também da relação do indivíduo com o mundo externo e com a realidade

em geral. Já observei que o objeto do sadismo, quando este está em seu auge, assim como do desejo de conhecimento que surge na mesma época, é o corpo da mãe com seu conteúdo fantasiado. As fantasias sádicas dirigidas contra o interior desse corpo constituem a primeira e mais básica relação com o mundo externo e a realidade. O grau de sucesso com que o indivíduo consegue passar por essa fase vai determinar até que ponto ele poderá ter acesso a um mundo externo que corresponda à realidade. Podemos ver, então, que a primeira realidade da criança é totalmente fantástica, ela se vê cercada de objetos de ansiedade. Nesse sentido, os excrementos, os órgãos, os objetos, coisas animadas e inanimadas de início são igualadas umas as outras. À medida que o ego se desenvolve, uma relação verdadeira com a realidade vai se estabelecendo a partir dessa realidade irreal. Assim, o desenvolvimento do ego e a relação com a realidade dependem da capacidade do indivíduo de tolerar a pressão das primeiras situações de ansiedade, já num período muito inicial (KLEIN, 1996, p. 252).

A capacidade de suportar a ansiedade persecutória é decisiva para o afastamento de impulsos destrutivos, pois permite o uso dos símbolos no contato com os objetos, bem como a construção de histórias como a de Didi. Esse processo de deslocamento das pulsões destrutivas dá espaço para a inserção na cultura e nos grupos sociais.

A ansiedade distribuída em atividades e interesses torna-se suportável para o ego, ainda que persista ao longo da vida um elo entre fantasias agressivas, medos de abandono e separação, sentimentos de culpa e desejo de reparação.

Ao lado dos impulsos destrutivos, há uma profunda ânsia de fazer sacrifícios, de ajudar e de restaurar as pessoas amadas que foram feridas ou destruídas na fantasia. E os irmãos, como demonstrado na história acima, também entram nesse movimento.

Segundo Melanie Klein (1996), “o ciúme e a rivalidade em relação aos irmãos dão origem a desejos de morte e fantasias agressivas” (1996, p. 359).

Ela também coloca que “os sentimentos sexuais dirigidos aos pais, irmãos e irmãs estão presentes e intimamente ligados a fantasias e impulsos agressivos, à culpa e ao medo da morte das pessoas amadas” (1996, p. 367).

Em meio a esses impulsos de amor e ódio, a presença dos irmãos pode favorecer o crescimento psíquico e a ampliação dos relacionamentos parentais, alicerçando os futuros relacionamentos socioculturais.

No caso de Didi, o ressentimento contra a irmãzinha recém-nascida encontra expressão na criação de uma história onde as pulsões e as emoções como raiva, culpa, amor e ressignificação podem ser transformadas.

O desejo de redescobrir a mãe dos primeiros meses, perdida na realidade, é importante no contexto criativo; por isso a escrita, a leitura, as manifestações artísticas são uma fonte importante de reparação.

Melanie Klein (1996) comenta que

O escultor que dá vida a um objeto de arte, quer ele represente ou não uma pessoa, está restaurando e recriando inconscientemente as pessoas que amava no início da vida e que destruiu em fantasia. O sentimento de culpa é um incentivo fundamental para a criatividade e o trabalho em geral. No entanto, se for intenso demais, ele pode ter o efeito de inibir interesses e atividades produtivas. No caso das crianças, quando a psicanálise atenua medos de vários tipos, impulsos criativos que até então permaneciam dormentes começam a vir à tona, manifestando-se em diversas atividades, como o desenho, a brincadeira com massa de modelar, a construção de casinhas e a fala [...] qualquer fonte de alegria, beleza e enriquecimento é

percebida na mente inconsciente como o seio amoroso e generoso da mãe, ou o pênis criador do pai, que na fantasia possui características semelhantes, percebida como genitores bons e generosos (KLEIN, 1996, p. 377).

Penso nas palavras de Etchegoyen (1987) quando diz que todas as histórias construídas, assim como a dessa menininha, possibilitam que o analista interprete como um músico que interpreta uma partitura, ou como um ator ao compreender e expressar as intenções de um autor dando vida a um personagem. O intérprete nesses casos respeita e conserva o texto, mas o reproduz a sua maneira. Como o músico e o ator, o analista interpreta com sua personalidade. A interpretação psicanalítica testemunha o eco encontrado no analista não tanto pelas palavras, mas pelas fantasias do paciente. A interpretação surge, pois, daquilo que o analista sente, do que nele ressoa do paciente (ETCHEGOYEN, 1987, p. 198).

Na leitura de Melanie Klein pude refletir sobre a história de uma menina de seis anos e os fios que entrelaçam o passado e o presente, os quais reaparecem nas manifestações de reconhecimento por aqueles que de alguma maneira nos fizeram passar por frustrações, mas também nos ensinaram a amar e a perdoar, a lidar com a ambivalência, com o que gostamos e detestamos em nós mesmos e nos outros, essas infinitas facetas que enriquecem nossa personalidade.

Referências

- ETCHEGOYEN, Horacio. Fundamentos da técnica psicanalítica. Porto Alegre: Artes Medicas, 1987.
- PETOT, Jean- Michel. O ego e o bom objeto. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- KLEIN, Melanie. Amor, culpa e reparação e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1996.